

O COTIDIANO DOS JOVENS TRABALHADORES DO TRÁFICO¹

Marisa FEFFERMANN²

RESUMO: A sociedade capitalista gera relações de produção das quais resultam o trabalho assalariado informal, dentre eles o que envolve jovens no tráfico de entorpecentes. O estudo do cotidiano desses jovens é tema de pesquisa e inquietação intelectual e acadêmica e exige debate multidisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens. Tráfico. Mercado de Trabalho. Sociedade Capitalista. Segurança pública.

ABSTRACT: *Capitalistic society creates social relations on production system that results in informal rules which involves young boys in the traffic commercial activities. The study of the day by day of these young boys is subject of research and intellectual and academic worried to moving researchers to multidisciplinary debates.*

KEYWORDS: *Youth. Traffic. Labor market. Capitalistic Society. Public Security.*

Primeiro, eu queria agradecer. Eu acho que hoje, na sociedade em que nós estamos vivendo é muito difícil à interlocução. Já há alguns meses ou um ano, nós do “Instituto Saúde”, junto com o professor Caccia-Bava estamos construindo uma proposta de rede. Eu acho que nós estamos na contramão de uma história, que busca justamente o indivíduo, a construção de uma “carreira” universitária e eu acho que, o que nos une, o que me faz vir aqui é o que faz com que nós possamos construir uma nova realidade ou, minimamente, questionar essa realidade onde cada um toma o seu objeto de pesquisa, o constrói individualmente e que a sociedade “se vire” como quiser. Então, ainda que muitas pessoas estejam discutindo a segurança pública, a nossa proposta é muito clara: garantir um lugar e não uma pesquisa. Por isso, é interessante a oportunidade de estar aqui contribuindo com essa iniciativa. Se eu digo isso é porque eu acho realmente importante.

Eu sou doutora em psicologia pela USP, pertencço ao “Fórum social para uma sociedade sem manicômios”, que parte de um pressuposto em que o sujeito não tem que ser encarcerado, de que não é a punição que vai resolver a sua situação, mas a reconstrução de outra realidade. Esse grupo (ou esse movimento) teve seu início na

¹ Palestra realizada em 04 de Setembro de 2008. Seminário promovido pelo Grupo Temático Segurança Urbana e Juventude, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Sociologia. Araraquara – SP – Brasil.

² Psicóloga, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. São Paulo - SP – Brasil - 05508-030 - marisaf@usp.br. Autora do livro Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico, Editora Vozes, 2006.

Itália, com um pesquisador chamado Basaglia, que abre as portas de hospitais psiquiátricos e inclui essas pessoas na sociedade. Foi com base nessa experiência que, no Brasil, junto com a Reforma Sanitária, se inicia a proposta para uma reforma psiquiátrica, com a perspectiva de abrir os hospitais psiquiátricos e tentar pensar formas para tratar essas pessoas. Junto a isso, o Fórum Social para uma Sociedade sem Manicômios, se preocupa, também, em pensar a antiga FEBEM, atual Fundação Casa, indagando se o encarceramento resolve a situação, ou se existe outra possibilidade de ressignificar essa lógica, do que é crime ou não crime ou quem é o criminoso?

Com base nessas questões nós construímos o “Comitê Contra a Criminalização da Criança e do Adolescente”. Esse é o único comitê que existe no Brasil e possui mais de cem entidades. A sua perspectiva é pensar porque se está criminalizando os jovens. Essa perspectiva vem junto a duas propostas do governo: a de reduzir a idade penal e a de aumentar a pena. Trata-se de propostas que vem junto a noticiários que envolvem um jovem de classe média alta ou uma criança e que amplificam o que se noticia. Quando acontece algo nesse sentido, o governo tenta responder e justificar o encarceramento, promovendo cada vez mais o controle social como resposta a toda uma violência crescente. Nós sabemos que não é essa a perspectiva que queremos.

Resumindo, sou doutora, pesquisadora do Instituto de Saúde, professora em uma faculdade privada e, também, professora da rede estadual de ensino. Sou autora do livro *Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*, sobre o qual eu apontarei algumas questões a vocês e, ao final de minha fala dividirei, com vocês, uma proposta que está sendo construída nacionalmente, intitulada Tribunal Popular: o Estado brasileiro no banco dos réus, e convidar vocês a participar.

A proposta desse seminário seria, então, a de debater alguns assuntos junto aos interlocutores. Há uma dúvida minha, pois há poucas pessoas aqui presentes, quanto ao método do diálogo, mas eu vou tentar encaminhar as propostas da melhor forma possível, para que se tenha um equilíbrio entre a minha fala e a de vocês.

O meu mestrado foi trabalhado na periferia e sempre busquei, desde a graduação, (eu não sou da periferia) entender essa realidade. Na verdade, o meu mestrado foi na fronteira entre a lei e o fora de lei. Foi, justamente, dirigido para pensar quem são esses jovens? Que não roubam, mas quase roubam; que estão nesse limiar. E eu fiz, imagino, um trabalho interessante no sentido de resgatar essas crianças, esses jovens, que estão no limiar entre a lei e o fora da lei. Porém havia um grupo de jovens que começava a ser reconhecido como responsável por toda a violência que se colocava dentro da sociedade. E ele era considerado “o criminoso”, o “perfil” do criminoso e o responsável pelo mal, o demônio incorporado no sujeito. Esse jovem era o jovem traficante. Foi aí que eu fiquei cinco anos com uma pesquisa etnográfica, trabalhando com esses jovens: jovens trabalhadores do tráfico de drogas. É nessa perspectiva que eu

gostaria de contar a vocês essa experiência, que foi muito angustiante, por que na verdade, durante esses quatro anos, muitos jovens morreram, e morreram por conta da polícia, por conta do tráfico e por conta da droga.

O pedido, hoje, era que eu apontasse a questão do jovem trabalhador. Existe uma complexidade muito grande em torno dessa experiência e, como psicóloga, a preocupação do meu trabalho é tentar entender a questão econômica e pensar, justamente, como essas condições sociais interferem na construção da subjetividade. A minha perspectiva teórica é a Teoria Crítica e, especificamente, Adorno e a psicanálise. E, também, Marx.

Isso vai à contramão dessas pesquisas que buscam “biologizar”, ou buscar na genética a resposta para o comportamento desse sujeito. Eu acho importante que nós ressaltemos essa questão e é necessário que ela seja explicitada. Nós temos colegas na Universidade do Rio Grande do Sul buscando encontrar, geneticamente, uma resposta ao comportamento dessas pessoas. Houve um movimento de vários pesquisadores questionando essa pesquisa e mesmo nós, como pesquisadores, sabemos que a metodologia de uma pesquisa interfere diretamente em seus resultados. Se forem escolhidos cinquenta jovens de maneira arbitrária, certamente serão encontrados resultados satisfatórios. É justamente isso o que eu busquei trabalhar. Busquei pensar na construção da subjetividade desses jovens, que são considerados os verdadeiros ou os grandes responsáveis pela violência que assola o nosso país e, se nós considerarmos mais amplamente, o mundo.

Na verdade, nós começamos a perceber, e isso fica muito claro, que o tráfico, como qualquer indústria, possui a mesma lógica de uma sociedade capitalista e, com isso, nós vamos pensar nesse jovem trabalhador. Eu parto do princípio de que o jovem trabalhador do tráfico de drogas não entra no mundo do crime: ele entra no mundo do trabalho. Esse mundo do trabalho é fora da lei, mas é o mundo do trabalho. É nessa perspectiva que nós devemos olhar com muito cuidado, porque nesse mundo, onde nós dizemos faltar trabalho, eu e outros autores como Ricardo Antunes apontam que, na verdade, falta trabalho legal e falta trabalho formal. O trabalho ilegal e informal perpassa a população. Isso significa fazer uma relação - e aí, junto com a globalização - das ilegalidades e das informalidades, que fazem com que o trabalhador permaneça trabalhando, mas em condições subumanas; e o jovem trabalhador do tráfico de drogas vive uma dessas relações. Na verdade, opero uma reflexão resultante de um estudo de campo – que durou quatro anos – com os jovens inseridos no tráfico de drogas da periferia de São Paulo, no Brasil.

A complexidade desses discursos permitiu a inserção desses jovens nas relações de trabalho, no comércio ilegal de drogas. O tráfico de drogas, como qualquer indústria, funciona sob a lógica do capital. Dessa forma os trabalhadores, em todas as etapas de

produção, são sacrificados e passam por idênticas dominações e pelos sofrimentos advindos das condições sociais injustas reproduzidas na sociedade. A realidade desses jovens mostra toda a violência imbricada na economia ilegal do tráfico. Na periferia da cidade, da economia e do tráfico, os jovens sofrem e são coadjuvantes dessa realidade de forma cruel e avassaladora. Constatamos que o tráfico de drogas faz parte da vida de parcela da população da periferia de São Paulo e a morte é uma de suas principais conseqüências.

Entre os elementos para a caracterização dessa realidade pode-se perceber a violência, a falta de infra-estrutura, pouca ou nenhuma participação do Estado, em alguns setores e uma grande participação do aparelho repressor do Estado, atuando de forma arbitrária.

O que eu quero dizer é que a idéia de o Estado não estar na periferia é enganosa. O Estado está na periferia: através da segurança pública. Quanto a isso, tudo bem. O problema é que o Estado, em sua função de segurança pública, age de forma arbitrária. E aqui vale um parêntesis. Eu passei os últimos meses de minha pesquisa fugindo da polícia, isso não porque eu era uma traficante ou uma criminosa, mas porque eu estava tentando garantir, como qualquer um que trabalhe na periferia, que os direitos daquelas pessoas não fossem usurpados. A verdade é que a polícia chega sem um mandado de segurança e as pessoas abrem a porta e uma psicóloga chega e diz: “não, não vai entrar”, e o policial fica muito bravo, porque até então quem mandava era ele. É importante que se traga esse dado, porque a primeira proposta desse trabalho é de desconstruir alguns conceitos, desconstruir alguns pré-conceitos, algumas idéias pré-estabelecidas. Uma dessas idéias, que já foi citada, é a do trabalho e a outra é a do Estado na periferia. Ele está presente porque ele está controlando.

Absorvidos nessa encruzilhada, um número maior de jovens alinha-se a essa dinâmica. O tráfico de drogas, em São Paulo dissemina-se, arregimentando muitos protagonistas. Existem mais de cinco mil micro-traficantes ou, pontos de droga. Algumas características do tráfico paulista foram apresentadas. No entanto, deve-se ressaltar que cada cidade constitui uma etapa determinada do seu ciclo exportador, de acordo com as atividades desenvolvidas pelos traficantes, de cada região e as possibilidades do mercado consumidor interno. Esses jovens, por vezes vivem situações inusitadas, em que o momento presente é o único tempo que lhes é possível viver. O seu futuro, frequentemente, não é incerto; muitos sabem que vão morrer, ou pela bala do revólver da polícia ou pela do traficante.

Esses jovens trabalham no comércio ilícito do varejo de drogas. São eles que travam um contato fugaz, apreensivo e vigiado com os interessados, recebendo, em essência, o dinheiro necessário para a compra da mercadoria e que logo será repassado aos seus superiores gerais. Fazem parte de uma população que se constitui como um

exército de reserva de mão-de-obra, à disposição do mercado oficial e, por vezes, não oficial. Desempregados, estão a serviço das necessidades, da expansão do capital, tanto lícita quanto ilícita. Dessa forma são obrigados a desenvolver estratégias de sobrevivência, ou são impulsionados a transpor a margem tênue das contradições da sociedade capitalista.

Quando eu leio essa nota que escrevi para o dia de hoje, eu me pergunto se estou fazendo apologia do tráfico de drogas. Mas eu não estou fazendo apologia do tráfico de drogas. Eu acho que a questão de pensar na legalidade ou na ilegalidade do tráfico de drogas é uma questão macro-política e ela só pode ser pensada a partir dessa relação.

Tanto que, se formos pensar historicamente, drogas que hoje são ilícitas, não foram ilícitas em outro momento. A minha proposta não é discutir isso, mas é importante pensar que a lógica do que é lícito e do que é ilícito perpassa toda uma história econômica e política, em que houve a guerra do ópio, em que as mulheres da década de vinte usavam cocaína e usavam com segurança, enquanto hoje, nós sabemos que, do jeito que a situação se encontra, o tráfico de drogas é uma das maiores causas da violência.

Mais ainda que o efeito das drogas é importante que nós olhemos - e é isso que deve ser discutido - a questão do tráfico enquanto trabalho, pois somente agora, depois de participar de diversas discussões e debates, inclusive internacionais, é que me parece fácil estabelecer essa relação. O tráfico de drogas está inserido numa sociedade em que o modo de produção estabelece relações sociais e econômicas. O que caracteriza todo modo de produção é a sua dinâmica, portanto, a contínua reprodução de suas condições de existência permite pensar na totalidade social, como estrutura dominante, na qual a instância econômica é, enfim, determinante. Na região metropolitana de São Paulo estimava-se (essa minha estimativa é de 2003) quase 2 milhões de desempregados dos quais 857 mil, ou seja, 44%, tinham entre 15 e 24 anos. O tráfico é uma forma de inserção ilegal no mundo do trabalho e tem servido para a acumulação do capital.

O processo crescente de globalização, dentro do regime de acumulação mundial, predominantemente financeiro, como o expôs François Chesnais implica em mudança qualitativa, nas relações entre capital e trabalho, entre capital e Estado, em sua forma de estado-de-bem-estar. O desemprego e a precariedade das relações de trabalho são conseqüências desse processo, pois a instalação de novas tecnologias foi utilizada como recurso para organizar o processo de internacionalização. As circulações tecnológicas e de organização aplicadas ao processo produtivo incidiram, diretamente, sobre o trabalho e vêm provocando demissões de grupo de trabalhadores. Esse processo foi propício ao crime organizado, facultando o fluxo relativamente livre de capitais por meio de sistemas informatizados, com capacidade de influir nos rumos da política financeira de um país.

Dessa forma, a globalidade do crime está imbricada nesse processo global – e eu ironizo afirmando que, enquanto nós falamos de globalização, o tráfico já era globalizado há muito tempo – e o tráfico só existe por ser globalizado. É no lugar que planta, é no lugar que passa e é no lugar que é consumido. Eles podem nos “ensinar” muita coisa e é isso que eu trago, ou seja, a tecnologia ajudou nesse processo, onde não há a lavagem de dinheiro. Mas esse assunto eu não tratarei aqui, pois falarei mais sobre a experiência concreta do tráfico e apontarei, com base em François Chesnais, a questão da acumulação, pois penso se tratar de uma questão bem real.

Quando se fala da indústria do tráfico ou de qualquer indústria, nós temos que pensar para onde vai esse dinheiro do tráfico. Para onde vai? É somente com a lavagem desse dinheiro que essa economia reproduz a sociedade capitalista? Ou nós olhamos para isso ou fingimos que olhamos. Em minha opinião existem algumas coisas que nós, que trabalhamos com segurança pública ou com educação, devemos pensar sob a perspectiva de que ou se olha para o tráfico para ver como isso mata os nossos jovens, ou se acusam esses jovens sem olhar para a realidade.

Somente existe o tráfico de drogas com a conivência de um Estado capitalista que reforça essa situação, que permite essa lavagem de dinheiro. Somente existe o tráfico de drogas e o menino traficante quando, na verdade, esse menino, considerado excluído, passa a ser incluído marginalmente, quando, ao comprar as roupas, ao ir ao shopping, comprar as coisas com o dinheiro oriundo do tráfico ele é sempre respeitado. Com isso se lava o dinheiro, esse dinheiro é incorporado na sociedade capitalista e essa jovem passa a ser incluído.

Ou nós olhamos para isso ou nós, novamente, reproduzimos o discurso criminalizante, culpabilizante e desresponsabilizante que diz que nós não temos nada a ver com isso. Essas são questões importantes e, nesse sentido, eu admiro o professor José de Sousa Martins, que diz que nós não devemos usar a palavra “exclusão”, pois a palavra “excluído” passa a ser uma questão importante, quando o estado-de-bem-estar-social, na Europa, deixa de existir e, ao invés de discutir a questão de classes, passa a discutir a questão dos “excluídos”, ou seja, as questões são misturadas e não são trabalhadas. Numa sociedade capitalista, não podemos pensar em excluídos de tudo. Na verdade, existem pessoas que são incluídas de forma marginal.

Desculpem-me os vários parênteses, mas são eles que fazem com que se entenda o que eu quero passar, no meio de tantas coisas que se tem para dizer, principalmente quando estamos com pessoas que não veremos tão cedo. Esse discurso da legalidade e da formalidade está tão arraigado na mídia, que nós temos que contrapô-lo, para não reforçá-lo. Nós, enquanto pesquisadores e, sobretudo, as pessoas ligadas às Ciências Sociais e os professores, devemos ressignificar algumas lógicas.

Os jovens, nessa pesquisa que concluí, aparecem como apêndices: ora indispensáveis, ora descartáveis nas conexões internacionais da indústria do tráfico de drogas – a de maior rendimento como tenho apresentado. Analisemos esses jovens segundo essa organização de trabalho, assim como trabalhadores do mercado de drogas ilícitas, um perigoso e sedutor negócio. Essa inserção lhes dá a possibilidade de trabalho e de consumo. O tráfico de drogas, nesse estudo, é identificado para além de sua dimensão policial e criminal, com base no conceito de que o trabalho continua oprimindo os jovens.

Em uma sociedade que tem como premissa despercebida à contradição, parte da população desfruta das vantagens do sistema econômico atual e, outra maior, está cada vez mais alijada de alguma vantagem desse sucesso, submersa na irracionalidade que se perpetua. O tráfico de drogas como procuramos apresentar em nosso estudo é parte integrante do sistema econômico vigente. É a partir da lavagem de dinheiro que circulam incontáveis quantidades de dólares, para a manutenção do sistema. Constitui-se uma economia ilegal, sem nenhum mecanismo de regulação. É uma indústria que necessita de uma grande estrutura envolvendo interligações com países pelo processo de plantação, transporte, distribuição, transformação química, empacotamento e várias outras atividades. Entenda-se o tráfico como forma de organização, aqui denominada trabalho informal/ilegal, que emprega grande número de jovens na sua estrutura.

A definição desses jovens ratifica uma afirmação: “A boca é trampo. Só que é um trampo embaçado”. Dessa forma, terá em foco o trabalho da ponta dessa corrente em que esses jovens atuam. Outro pesquisador do tráfico, diz que o mercado criminalizado (e isso é interessante para pensarmos novamente no trabalho) seria duplamente informal. A mão de obra utilizada não pode ser formalmente regulamentada, tendo em vista o caráter ilegal das mercadorias comercializadas ou produzidas e, também, por fazer parte de um mercado em si criminalizado. O autor lembra, ainda, que a criminalização de uma mercadoria depende de seu significado contextual para a ordem pública, sendo a droga uma das mercadorias criminalizadas que oferece, uma das, ou a mais alta taxa de lucro.

O que eu relatarei sobre a cidade de São Paulo, apesar de não condizer totalmente com a realidade de outras cidades, ajuda a pensar na sua lógica, que é a mesma. São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, possuem diferenças. A cidade de São Paulo vive um processo de urbanização, em que grande parcela da população, com menor poder aquisitivo foi afastada para a sua periferia. Os pontos de venda de drogas são espalhados por toda São Paulo, cada um com características específicas em relação ao produto, à procura e à administração. Essa situação explica a presença de uma estrutura bélica, necessária para enfrentar o sistema repressor e a concorrência quando se busca ampliar o comércio. Na realidade, cria-se um círculo vicioso em que a

quantidade e a natureza das armas, também indicam como se mantém o ponto de venda em destaque.

Pode-se considerar que as drogas e as armas são fatores que determinam o “poderio” do ponto de venda. A conquista de mercado e a busca de lucro são a razão de todo esse processo de competição. Em algumas regiões mais populosas, com grandes conjuntos habitacionais multiplicam-se os pontos de venda – que inclui até mesmo alguns bares e outros pequenos comércios. Na cidade de São Paulo, não há uma estrutura central de tráfico, cada região tem a sua própria organização, isso há um ano e meio ou dois.

Hoje, quem controla o tráfico de drogas em São Paulo é o Primeiro Comando da Capital. Isso se explicitou há dois anos e, hoje, nós presenciamos uma realidade que transcende o que existia até então. Hoje, o crime, em SP está organizado. O PCC passa a ser uma organização criminosa, que está distribuída dentro e fora da prisão e que em cada estado, em cada cidade e em cada bairro, tem uma pessoa que eles chamam de “disciplina”. Esse “disciplina” se responsabiliza por olhar a atitude de quem é ou não “irmão”, que é a designação de quem faz parte do PCC. Todas as atitudes que não correspondem à expectativa do que o PCC propõe, são questionadas pelo “disciplina”.

Se houver tempo, depois que eu terminar a minha fala sobre o trabalho, eu volto a falar sobre isso. Mas fiquem tranquilos, porque quem não está no mundo do crime, não está ameaçado, a não ser que se relacione com eles.

Os últimos dados que trago para pensarmos, são dados do SUS – Sistema Único de Saúde – que mostram, com todas as evidências, que a quantidade de mortes diminuiu em 20% na cidade e no estado de São Paulo. A questão que eu coloco é: por quê? Algumas pessoas apontam como grande responsável as ONG's, que estão fazendo um trabalho na periferia e todo um trabalho, uma política de segurança pública. Eu, a partir de 50 entrevistas, questiono isso e no final da minha fala eu conto o porquê.

Eu tenho várias questões, mas o que eu queria trazer é que as regras e os nomes são iguais, para qualquer um e a visão de trabalho é igual para qualquer indústria, para qualquer comércio. Estruturas em que, paralelamente, uma sociedade estabelece as mesmas condições de dominação, ou seja, uma forma em que sobrevive o mais forte e o mais esperto. Isso é patente nos elementos lingüísticos, em particular, nos nomes escolhidos para significar as condições de poder.

Esse trabalho é também alienado e mediatizado pela economia burguesa. A diferença, ou melhor, o grau, é o valor da força de trabalho que, no tráfico, pode significar de forma explícita, a própria vida. Mais uma vez, pode-se perceber como as relações no tráfico aparecem de forma exacerbada, semelhante às que ocorrem nas relações de trabalho legal. O valor da força de trabalho representada pelo salário, no caso, dos jovens que trabalham no tráfico, a porcentagem da venda da droga e o valor

que ela cria, ao ser industrializada, durante o processo de trabalho é a explicação para o valor excedente apropriado pelo capitalista.

Dependendo do traficante, não há assistência jurídica. Se o jovem é detido pela polícia, não terá auxílio. Quando há assistência jurídica, o jovem, como pagamento, terá que trabalhar até saldar os préstimos proporcionados pelo tráfico. Os serviços prestados por esse favorecido são vários, seja como vendedor, “aviãozinho”, ou “olheiro”.

Como nas empresas, que não garantem condições mínimas de trabalho e sugam do empregado qualquer benefício, direitos obtidos por meio de várias lutas sindicais, o tráfico promete benefícios e garantias aos seus empregados, mas, em troca, os aprisiona em uma dívida interminável. Os mecanismos discursivos são os mesmos, mas no tráfico a consequência é que o jovem se emaranha cada vez mais no crime. Os patrões expõem de forma crescente seus trabalhadores e, se houver alguma falha no trabalho, o patrão mata ou manda matar. Não há diferença substantiva; a única diferença é que o jovem é demitido da vida.

O patrão contrata o gerente, uma pessoa de confiança que irá contratar o restante dos trabalhadores. O gerente é intermediário entre o patrão e os trabalhadores, é o organizador do trabalho é quem contrata os trabalhadores, abastece com drogas, cuida para que o ponto não fique sem vendedor, acerta contas depois do trabalho. O gerente é o cargo de confiança do patrão, mas sempre existe outro funcionário observando suas atitudes. A hierarquia do tráfico é constituída, geralmente, pelo “patrão”, “gerente”, “vendedor”, “avião” e o “olheiro”, mas dependendo do tamanho do ponto de venda, da quantidade de drogas que se vende, a hierarquia se modifica.

O tráfico de drogas mantém a mesma estrutura de um trabalho legal. Sua divisão de trabalho permeia as relações entre o trabalhador e o produto, as tarefas são distribuídas e cada um deve obedecê-las com responsabilidade, pois o preço pelo não cumprimento da tarefa pode ser muito alto. O patrão entrega a droga em consignação ao gerente e cada um deve prestar contas no fim do dia, ou no dia seguinte. O gerente distribui para o ponto de venda, que deve prestar contas no mesmo dia, após o que o gerente separa a parte do patrão e paga os empregados. Em algumas situações, em datas especiais, ou para manter a posição, o dono realiza festas com abundância de alimentos e bebidas para os trabalhadores e suas famílias. Elas acontecem em lugares públicos e outros traficantes da região aparecem.

Há pontos de droga que envolvem policiais. Há uma estratégia montada para garantir a manutenção do comércio e um dos mecanismos, que é o pagamento de policiais para que o trabalho corra sem problemas. Não são todos os policiais, logicamente, que aceitam esse acordo, denominado “acerto” e nem todos os traficantes o fazem com policiais. Sobre esse aspecto, de qualquer forma, uma das funções do dono

do ponto de venda é fazer um acordo com policiais. Em algumas “bocas”, esse assunto é resolvido pelos gerentes, em outras, pelos próprios vendedores.

O tráfico é organizado segundo a relação estabelecida entre eles; a prestação de contas é diária e as sanções para quem não cumpre esses compromissos são severas. Há uma contabilidade da movimentação em que o vendedor, a partir das anotações realizadas em uma caderneta, presta contas do movimento do dia. A importância desse detalhamento todo é para justificar o uso da palavra trabalho, para designar essa atividade. É tudo muito organizado, existem regras estabelecidas.

Outra regra que denota organização é que existe um tipo de embalagem que implica na origem da droga, identificando assim o patrão e, aí sim, você pode exigir e cobrar se a droga estava boa ou não, ou mudar de traficante. Essa embalagem não pode ter nenhuma alteração, pois, se houver algum tipo de reclamação, o vendedor terá total responsabilidade. Há pontos de vendas menores, nos quais o próprio dono vai buscar a droga. O risco é o mesmo, mas ele pode ser detido pela polícia. A “boca”, nome dado ao ponto de venda, não tem lugar fixo e isso é um meio para se evitar a polícia. Há um rodízio de lugares para que o ponto não fique visado. O responsável por essa tarefa é o gerente. Cada um tem a sua responsabilidade e deve cumpri-la. Se faltar droga na hora do acerto de contas do dia, a responsabilidade é do vendedor e quem deve cobrar essa responsabilidade é o gerente.

O gerente deve ser exemplar, respeitar as regras, ser um representante do patrão e, caso não cumpra a sua função ou deseje ocupar o lugar do patrão, o resultado poderá ser sua morte. Ele tem responsabilidades, separa as drogas, faz a prestação de contas, é responsável pelos vendedores e garante o bom funcionamento da “boca”. O gerente não fica o tempo inteiro com o vendedor, mas passa no local para inspecionar os seus afazeres. Uma das condições para exercer a função de gerente é não ser usuário abusivo de drogas. É permitido apenas fumar maconha, de vez em quando. O gerente deve garantir a segurança dos vendedores frente à polícia e, por isso há um rodízio, para que não fiquem visados pela polícia. O gerente passa no ponto de venda para verificar o que está faltando. A entrada nesse trabalho é feita por meio de indicação.

É importante pensar que é diferente do que a gente acha de que o “tráfico está lá fora”, todo mundo conhece quem é traficante e quem não é. Quem mora na periferia conhece essa realidade e muitos jovens passam pelo tráfico e depois voltam a estudar. É importante pensar que a idéia de que o menino que é traficante só é traficante, é um mito, que a mídia busca produzir para tentar responsabilizá-lo e trabalhar o tema. Existem muitos jovens que passaram três meses no tráfico e saíram, porque é uma coisa muito clara, diferente do que a mídia traz. O jovem que é trabalhador do tráfico e não está devendo nada, pode entrar no tráfico e sair. As pessoas não conhecem o dono, elas conhecem o gerente, pois ele é socializado para todo mundo que mora lá. É uma coisa

comum. É importante pensar, portanto, em dois mitos. Um deles é o de que o jovem não sai do tráfico. Há tantos trabalhadores querendo entrar ali que, quando o jovem quer sair e não deve nada, ele pode sair. O que acontece é que o jovem não sai do tráfico por duas razões, e aí é importante que nós, educadores, pensemos a respeito. O jovem não sai do tráfico porque é uma forma de inserção; o jovem não sai do tráfico porque ele se sente contido, ele se sente respeitado, ele se sente dentro de uma sociedade. O outro motivo é o dinheiro, pois é um trabalho.

Como todo trabalho, ele precisa de algumas regras, de um contrato social para se garantir e uma das regras é: não se pode roubar na região, porque senão vem polícia; não se pode ratear a droga, porque depois ele tem que responder a isso; não se pode usar droga da própria “boca”. Essas regras são estabelecidas, estão reguladas por uma atividade chamada “debate”. O “debate” é a forma que eles têm para discutir os valores e a moral. Esse jovem diz que “anda pelo certo”, ele sabe exatamente o que ele pode e o que ele não pode, diferente do que ele considera com a polícia, porque às vezes a polícia faz um acordo e às vezes ela não faz, depende do policial e depende da hora que ele está. Ele sabe quais são as regras e sabe que, se ele não a seguir ele vai para o “debate”. O que é o “debate”? O debate é o momento em que o jovem, junto com o gerente e junto com algumas testemunhas vai tentar justificar o que ele fez. O gerente, de uma forma paternalista, inteligente e perspicaz, muitas vezes dá uma chance para esse menino, porque essa chance vai fazer com que esse menino se identifique e se sinta contido.

Essa perspicácia, essa capacidade de um jovem cometer qualquer tipo de infração (diferente de dormir na sala de aula, faltar um dia, fazer bagunça e ser expulso da sala de aula), o tráfico tem uma resposta que nós, educadores, não temos. A escola exclui. Nós policiamos. A família não possibilita essa inserção. O tráfico diz: “vem querido, tamo aqui, tamo aqui te garantindo!”.

O jovem chama de “firma” o grupo em que ele trabalha. Ele se identifica nesse processo (e eu estou falando isso com conhecimento dessa entrevista de cinco anos, mas eu continuo lá e, antes disso, eu já trabalhava, como psicóloga, com muitos jovens que tentaram sair do tráfico, muitos jovens que buscaram sair e, nós, fomos atrás). Fomos atrás de escola – a escola não o quer, a escola não o aceita e depois de dois ou três dias eles vão embora, porque a escola não ouve.

Até isso é uma coisa complicada. Eles não conseguem vaga e trabalho muito menos. São coisas que só vendo. Eu me lembro de um menino que depois de muito tempo topou sair e eu ia visitá-lo; nós estávamos lá e isso para mim é simbólico: eu entrei no quarto e ele estava olhando para uma televisão sem imagem, com o quarto escuro; e ele parado diante de uma televisão, que não passava nada. Esse é o símbolo do jovem que não está inserido em lugar nenhum.

É lógico que depois de um mês ele voltou para o tráfico. Ele não podia sair na rua por que, para onde ele iria? Ele não tinha dinheiro para fazer nada e, de repente, ele não tinha nem trabalho e nem escola.

Essa é a oportunidade de nós pensarmos a possibilidade de uma regra que se estabelece. E não é porque eles são bonzinhos; é porque é o mercado, e isso está claro. O tráfico é um mercado. Tudo o que acontece é para garantir essa questão e, porque ele é ilegal, é violento. Mas eu fico me perguntando se o *Shopping-Center* não esconde, com todo o seu *glamour*, a violência que está incrustada no próprio capitalismo.

Para encerrar a questão do trabalho (e eu tenho inúmeros detalhes que justificam essa questão e que poderão ser tratados no debate), na força de trabalho desses jovens está investido o risco assumido para proteger o patrão. São os jovens traficantes que garantem a circulação da droga. Eles são contratados para assumir o risco maior de serem detidos ou mortos pelos policiais. No contrato, uma das condições explícitas é a lealdade com o patrão e silêncio com relação à sua identidade. A arma é instrumento de garantia da segurança do vendedor. Alguns pontos de venda oferecem ao trabalhador essa garantia.

Os jovens vendem a sua força de trabalho e isso envolve assumir o risco do combate, do enfrentamento com a polícia e dos concorrentes. Sugere-se que os jovens vendedores e trabalhadores da indústria do tráfico têm obrigações e seguem regras de trabalho. O contrato verbal existente nas relações de trabalho. A punição para o desrespeito de uma regra pode ser a morte. Vivem a ilegalidade, o sigilo e a necessidade de estar em constante estado de alerta – o uso das armas faz parte desse processo. Nessas condições, passa a pertencer a um grupo, a adquirir objetos de consumo, o que seria quase impossível por outros meios e, também, por causa disso são reconhecidos e respeitados. Essas atitudes são reforçadas pela sua faixa etária que, em conjunto, com os riscos e a transgressão, torna esses jovens a parte mais vulnerável desta engrenagem.

Quando eu falo dos fios condutores e falo do trabalho, do risco e do contrato social, eu quero trazer quais são as características desses jovens e então tentar ver se esses jovens, realmente, não são emblemáticos dos jovens da nossa sociedade, como os jovens do MST, como os jovens da faculdade, etc. Há três características que eu queria apontar e que marcam a personalidade ou as características desses jovens. Uma delas é a compulsividade. São jovens que vivem intensamente cada momento, porque é uma vida arriscada e eles não sabem se sobrevivem. A compulsividade, a pulsão, como Freud conceitua, a busca do prazer, é imediata. Eles não sabem se vão viver o dia de hoje; e no dia de hoje eles consomem e fazem as coisas. Eles trabalham um dia e gastam tudo, alguma coisa eles dão para a família, mas eles gastam, intensamente, tudo. Eles bebem muito, eles transam muito, eles beijam muito, eles namoram muito, eles compram tudo

porque, compulsivamente vivem cada minuto, porque, com 18 anos, já é um sobrevivente.

Deixo, aqui, uma pergunta: e o jovem que a sociedade capitalista busca? Não é esse jovem consumidor? Não é o jovem que tem que ter mil calças, quando tem um corpo só? Será que essa característica da compulsividade é comum a eles? Isso seria o mesmo que afirmar que, na verdade, o que se começa a delinear é que o jovem traficante incomoda tanto porque ele exacerba, exagera características que a sociedade capitalista já possui.

Outro ponto importante é a questão da astúcia. Essa astúcia é, justamente, tentar garantir o tempo inteiro a esperteza. O tempo inteiro esses jovens têm que saber se a pessoa que está chegando é um traficante, eles têm que estar o tempo inteiro em estado de alerta, porque qualquer risco significa a morte. A astúcia, então, é uma característica desse jovem, mas também é característica que se busca na sociedade em que nós vivemos; busca-se o tempo todo levar vantagem em tudo. Durante todo o tempo, desde a pré-escola, a criança tem que saber se ser “boa” ou não no vestibular, se será um jovem empreendedor.

Outra coisa importante para pensarmos (e isso seria caso para outra palestra, pois é um assunto muito importante) é a questão da crueldade. Os jovens, na verdade, não só são vítimas, eles se transformam em algozes, e é importante também trazer isso. Inúmeras são as humilhações e os desrespeitos que esses jovens vão vivendo e eles respondem a essa realidade. Marcados e rotulados, esses jovens vivem essa história carregando o peso da mentira manifesta e, no entanto, persistente. Marcas profundas que aos poucos vão delineando a sua definição de caminhos, de escolhas e de respostas. Verdades que justificam qualquer ação contra eles. A impotência apontada no discurso dos detentores do poder, com referência ao tráfico de drogas em São Paulo, justificada pela imputação de culpa a esses jovens, seus familiares e comunidade, fecha o circuito do imobilismo e se aprova toda a ação.

Ainda um parêntese: essa idéia é outra que eu gostaria de discutir com vocês educadores, pois eu também sou: essa idéia de família desestruturada. A história mostra que, em cada momento, a família se estruturou de uma forma. Esse conceito de família estruturada parte, novamente, de um pressuposto de uma classe média que se estrutura a partir do Iluminismo como uma família nuclear. Aí, nós vemos que não existe correspondência na vida, com esse conceito e que é muito fácil discriminar o outro e culpabilizar a mãe por todas essas questões. Essas atitudes criminalizantes, produzidas e reforçadas pela indústria cultural, ao assimilar as diferenças, imputam aos jovens a responsabilidade pela distorção da ordem que deve ser mantida.

A indústria cultural anuncia a existência desses jovens ou quando morrem, ou por suas atitudes espetaculares, o que serve para reforçar o estereótipo estabelecido para

eles. Todas as intenções que vão ao encontro da reafirmação dessa condição são louvadas e sempre justificadas, como necessidade para garantir a segurança pública da sociedade. A indústria cultural, a um só tempo, contribui na formação desse preconceito e cria mecanismos para eliminar não o preconceito, mas o sujeito estereotipado. Muito obrigada.